

Protocolos anestésicos utilizados e complicações observadas em cães no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá

(Anesthetic protocols used and observed complications in the Veterinary Hospital of Universidade Estadual de Maringá)

TOMAZ, Débora Ferreira¹; TRAMONTIN, Rafael Santos²; TAFFAREL, Marilda Onghero³

¹ Aluno de graduação em medicina Veterinária da Universidade Estadual de Maringá – UEM Campus de Umuarama.

² Médico veterinário bolsista do Programa de Aprimoramento em Anestesiologia Veterinária, Universidade Estadual de Maringá – UEM Campus de Umuarama. Projeto Fundação Araucária. Nº 17/2012; Convênio 1300/2012.

³ Professor Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Estadual de Maringá – UEM Campus de Umuarama.

RESUMO

A avaliação dos protocolos e incidência de complicações anestésicas possibilita a identificação de falhas no serviço de anestesiologia. Dessa forma objetivou-se realizar um levantamento das complicações anestésicas mais comuns, assim como os protocolos mais utilizados em cães no Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Maringá (HV-UEM), no período de março a agosto de 2014. Para tanto, foram analisadas as fichas anestésicas deste período observando a duração do procedimento anestésico, as complicações cardiovasculares, respiratórias e de temperatura, e os protocolos anestésicos e analgésicos mais empregados. No período foram anestesiados 129 cães tendo o peso médio de 13,3 Kg ($\pm 10,9$), com duração média de anestesia de 75,23 ($\pm 41,04$) minutos. Do total de animais anestesiados, 87,6% apresentaram complicações. Quanto às complicações cardiovasculares, a observada mais frequentemente foi a hipotensão (36,3%), seguida de bradicardia (34,5%), taquicardia (31%) e hipertensão (25,7%). Uma deficiência da monitoração cardíaca consiste na falta de eletrocardiógrafo, não sendo possível estabelecer a frequência de arritmias nestes procedimentos. Das complicações respiratórias, observou-se aumento da frequência respiratória (28,3%), apneia (12,4%), redução da frequência respiratória (7,1%) e hipoxemia (5,3%), contudo apenas 86,6% dos pacientes tiveram a SpO₂ monitorada, além disso a universidade não dispõe ainda de equipamentos para avaliar mais adequadamente a função respiratória. Foi observado hipotermia em 43,4% dos animais. Não houve óbitos durante o período. Avaliando-se os protocolos utilizados, para a medicação pré-anestésica a morfina foi utilizada em 96,1% dos pacientes, sendo 53,5% de forma isolada, 34,1% associada à acepromazina, 5,4% associada à cetamina e 3,1% associada à acepromazina e cetamina. O restante recebeu a associação de metadona e prometazina (0,8%) ou não receberam MPA (3,1%). A indução anestésica foi realizada com propofol em 100% dos pacientes. Este fármaco foi utilizado como fármaco único (69%) ou associado ao fentanil, lidocaína e cetamina (20,9%), à lidocaína e fentanil (5,4%), cetamina (3,1%), ou benzodiazepínicos (1,6%). A manutenção foi realizada com isoflurano diluído em 100% de oxigênio em todos os pacientes. Para analgesia durante o procedimento o fentanil foi utilizado em 72 pacientes (55,8%), destes, 36 (50%) receberam administração em *bolus* e 36 (50%) em infusão contínua, (fentanil isolado em 4,2% e associação com lidocaína e cetamina em 45,8%). Técnicas de anestesia local foram utilizadas em 41,1% dos pacientes, destes, 73,6% utilizaram a associação de morfina com lidocaína por anestesia epidural e 27,1% utilizaram apenas lidocaína em outras técnicas. Dessa forma, com base nos dados obtidos até o momento, conclui-se que no HV-UEM as técnicas anestésicas envolvem basicamente o uso de opioides na MPA e fentanil na analgesia transoperatória, e a indução e manutenção anestésica com propofol e isoflurano, respectivamente. A complicação mais prevalente foi a hipotermia, contudo a universidade carece de equipamentos para a monitoração anestésica, o que com certeza influenciou nos resultados obtidos.

PALAVRAS-CHAVE: anestesia, cães, hipotermia, hipotensão.

Key-words: anesthesia, dogs, hypotermia, hypotension.